

PUTIN ANUNCIA INVASÃO

Presidente da Ucrânia fez antes apelo para conter guerra, e país decretou emergência

O presidente Vladimir Putin anunciou na madrugada de hoje que a Rússia vai realizar uma operação militar no Leste da Ucrânia. O anúncio foi feito enquanto o Conselho de Segurança da ONU se reunia pela segunda vez nesta semana, com apelos os países-membros de que o país não lançasse a ação. O anúncio foi feito um dia após Moscou declarar que as autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Luhansk haviam pedido ajuda para repelir "agressões" de Kiev, em meio a crescentes alertas dos EUA de que um grande ataque era iminente. O presidente Joe Biden, dos EUA, condenou a "injustificada" agressão à Ucrânia.

A invasão ocorreu depois de Moscou vetar voos sobre parte da região de Rostov, a Leste de sua fronteira com a Ucrânia, que, por sua vez, anunciou o "perigo potencial" para a aviação civil ao restringir o tráfego em seu espaço aéreo.

SEM RESPOSTA DO KREMLIN

Ontem, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, havia feito um pronunciamento dramático de nove minutos na TV. Falando a maior parte do tempo em russo — e se dirigindo à população russa — pediu que a Rússia não invadisse o país.

— O povo ucraniano quer a paz — disse, citando a história comum das duas nações. — O governo ucraniano quer a paz e está fazendo tudo para construí-la. Horas antes, o Parlamento ucraniano havia aprovado um estado de emergência após o governo adotar uma série de medidas de preparação para uma guerra, desde convocar reservistas a pedir para seus cidadãos deixarem a Rússia imediatamente.

Zelensky disse que chegou a sugerir uma reunião com Putin, mas, segundo ele, não houve resposta do Kremlin. O líder ucraniano afirmou acreditar que a Rússia já aprovou uma ofensiva contra seu país e



Convocação. Homens fazem fila para alistar-se em milícia separatista em Donetsk; governo da Ucrânia também decretou mobilização dos reservistas

declarou que, apesar de não buscar a guerra, vai se defender em caso de invasão. — Dividimos uma fronteira de mais de 2 mil quilômetros. Quase 200 mil de seus militares e milhares de veículos estão parados ao longo dela. Sua liderança ordenou que se seguissem adiante, invadindo o território de outro país — declarou. — Os russos querem a guerra? Adoraria ter resposta para essa pergunta. Mas a resposta só depende de vocês, ci-

dadados da Rússia. O líder ucraniano, que vem fazendo comunicados em vídeo praticamente todos os dias, disse que não planeja qualquer ataque contra os separatistas pró-Rússia do Leste do país, e rejeitou as alegações, feitas inclusive por pessoas do governo russo, de que os ucranianos "são nazistas".

Mais cedo, em entrevista, Zelensky havia pedido "garantias de segurança" à Rússia e sugerido as negocia-

ções diretas de Putin. — A Ucrânia precisa de garantias de segurança claras e concretas, imediatamente. Creio que a Rússia deve estar entre os países que nos deem essas garantias. Já sugeri muitas vezes que o presidente da Rússia se sente à mesa de negociações — disse.

Acompanhado dos presidentes da Polónia e da Lituânia, o líder ucraniano pediu também a que os países ocidentais — que já disseram que não

combarão ao lado dos ucranianos se houver uma guerra em grande escala — subam ainda mais o tom contra Moscou e disse que está organizando, em conjunto com a Europa, uma resposta "aos crimes cometidos pela Rússia".

Na terça, Putin disse que a situação poderia ser resolvida se a Ucrânia abrisse mão da demanda de entrar na Otan e declarasse sua neutralidade, modelo semelhante ao adotado pela Finlândia durante a Guerra Fria. Putin disse ainda que a Ucrânia deve se desfazer de armamentos que recebeu da aliança militar ocidental.

Ontem, Putin, apesar das sanções anunciadas na véspera pelas potências ocidentais, prometeu que não cederá às pressões e afirmou que "os interesses e a segurança" de seus cidadãos "não são negociáveis".

O presidente russo falou em um breve discurso televisado sobre o Dia do Defensor da Pátria. Ele disse, no entanto, estar "aberto ao diálogo direto" com os países ocidentais, mas sempre exigindo que a Ucrânia nunca seja admitida na Otan, o que ele considera um risco à segurança da Rússia.

ESPAÇO AÉREO FECHADO

A introdução do estado de emergência confere poderes especiais às autoridades, incluindo restrições ao transporte, envio de proteção adicional para instalações de infraestrutura essenciais e a proibição de greves. As autoridades regionais podem tomar decisões sobre a introdução de toque de recolher e outras medidas, disse Olexiy Danilov, a principal autoridade de segurança do país.

Ele reiterou que a Ucrânia ainda não estava decretando uma mobilização geral nem lei marcial, com restrições mais duras. Desde o começo da crise, o governo ucraniano tenta transmitir mensagens de tranquilidade, em uma estratégia para conter danos à sua economia e evitar pânico. Moscou começou a retirar seu pessoal diplomático de Kiev.

Capacidade militar da Rússia supera, e muito, a ucraniana

Apesar de inferiores, forças de Kiev tiveram avanços consideráveis desde 2014

FILIPPE BARINI
filipebarini@globo.com.br

Desde o começo do ano passado, quando a Rússia começou a reforçar suas posições nas fronteiras com a Ucrânia — nos primeiros passos da crise que atingiu seu auge com o reconhecimento por Moscou de duas regiões separatistas no Leste ucraniano — a possibilidade de invasão russa é tratada como real, mesmo com as negativas oficiais.

Caso o cenário se concretize, a diferença de forças entre os dois lados será brutal. A quantidade e qualidade dos equipamentos de Moscou é bem superior, e seu aprimoramento é parte da estratégia de Vladimir Putin de fortalecer o poder e a imagem da Rússia no mundo.

mentos defasados, tropas mal pagas e atrasados, em termos tecnológicos, em relação aos do Ocidente. O acidente com o submarino Kursk, em 2000, e problemas na segunda Guerra da Chechênia e na intervenção na Geórgia, em 2008, foram vistos como sinais de que uma mudança era necessária.

E ela veio: partindo do aumento dos salários, passando pela compra de meios e novos calçados para os soldados e chegando ao desenvolvimento de mísseis "hipersônicos" e caças de quinta geração. Para Putin, incrementar sua capacidade militar faz parte da estratégia de projeção de poder da Rússia no mundo.

Em parte de uma força de paz para enfrentar os distúrbios no país. Agora, na Ucrânia, a presença de quase 200 mil militares na fronteira serve para pressionar o Ocidente a ouvir as demandas de segurança regional feitas por Putin.

RESISTÊNCIA
Neste cenário, não há muito o que fazer, do lado ucraniano, caso o Kremlin dê o sinal verde para um ataque: seu número de soldados prontos para o combate e de meios de defesa é bem inferior aos dos russos, que também poderiam usar a superioridade aérea e ações contra sistemas de comunicação para evitar reações.

Vale ressaltar que, por culpa da própria Rússia, as Forças Armadas ucranianas, com forte apoio estrangeiro, evoluíram desde 2014, ano da anexação da Crimeia e do início da guerra no Leste do país. Ape-

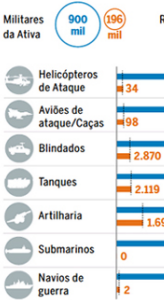
DIFERENÇAS NO FRONT

Rússia tem um dos maiores exércitos do mundo, mas Ucrânia modernizou forças desde 2014

■ RÚSSIA ■ UCRÂNIA

FORÇAS MILITARES

Gastos militares (2020)
Rússia: US\$ 5,99 bilhões / 4,13% do PIB
Ucrânia: US\$ 61,7 bilhões / 4,3% do PIB



Fontes: Balanço Militar ISS (2022); SIPRI (2020); Associação de Controle de Armas; Banco Mundial (2020)

POPULAÇÃO (ESTIMATIVA)



Militares da Ativa



Reservistas



Armas nucleares operacionais

6,257 (INCLUINDO OGIVAS AGUARDANDO O DESMONTA- MENTO)

0 (RETORNOU TODAS SUAS OGIVAS À RÚSSIA ENTRE 1991 E 1996)

nas os EUA forneceram US\$ 2,5 bilhões em assistência de segurança, incluindo treinamentos e armamentos, como os mísseis Javelin.

A Lituânia também ofereceu outro modelo de míssil portátil, o Stinger, marcados pelo papel que tiveram na Guerra do Afeganistão (1979-1989): a arma, fornecida aos mujahedins, foi responsável por derrubar dezenas de aeronaves soviéticas.

Outras nações da Otan intensificaram o envio de equipamentos defensivos e financiaram iniciativas como a construção de hospitais. Boa parte da população tem treinamento militar, e poderia organizar forças de resistência, ao lado de paramilitares.

Há que se mencionar os drones Bayraktar TB2, fabricados pela Turquia, um membro da Otan. A aeronave é usada desde 2019 contra os separatistas pró-Rússia e gerou reclamações de Putin, que via seu uso em combate como uma provocação. Para especialistas, o drone pode ser eficaz em alguns tipos de ações, como contra forças de menor poder ofensivo, mas provavelmente não faria diferença imediata em uma invasão russa.

Kremlin alegou pedido de ajuda de separatistas

Antes de Putin ordenar invasão, governo russo disse que regiões do Leste pediram apoio para 'repelir agressão ucraniana' e acusou Kiev de 'falta de vontade de acabar com guerra'; Washington havia alertado para operação russa na madrugada desta quinta

MOSCÚ E WASHINGTON

Antes de o presidente russo, Vladimir Putin, anunciar na TV uma "operação militar especial" no Leste da Ucrânia, na madrugada desta quinta-feira, o Kremlin havia anunciado ter recebido um pedido de ajuda militar das autoproclamadas repúblicas separatistas de Donetsk e Luhansk para "repelir a agressão das Forças Armadas da Ucrânia", algo que poderia ser usado para justificar a entrada oficial de militares russos no Leste ucraniano.

— Os apelos enfatizam que atualmente, devido ao agravamento da situação e às ameaças de Kiev, os cidadãos das repúblicas são forçados a deixar suas casas, e

sua retirada para a Rússia continua — disse o secretário de Imprensa do Kremlin, Dmitry Peskov. — As ações do regime de Kiev evidenciam a falta de vontade de acabar com a guerra em Donetsk [Leste ucraniano].

Mais cedo, o líder da República Popular de Donetsk, Denis Pushilin, havia sugerido que poderia precisar da "ajuda da Grande Rússia", ao mesmo tempo em que defendia o estabelecimento pacífico das fronteiras das duas repúblicas com a Ucrânia — as Constituições das repúblicas separatistas apontam que os dois territórios correspondem à totalidade das "oblasts" (regiões) de Donetsk e Luhansk, mas os gru-

pos pró-Rússia ocupam menos de um terço dessas áreas, e o restante é controlado pelas autoridades ucranianas.

Ao falar sobre a mensagem enviada pelos separatistas, Peskov citou que eles reclamaram do "aumento da presença militar" ucraniana na chamada linha de contato, que divide as áreas rebeldes das controladas por Kiev. Para eles, a Ucrânia "está centrada em resolver o conflito pela força". As cartas foram enviadas na terça-feira, mas só divulgadas ontem.

AS KM DA FRONTEIRA

Peskov terminou, segundo a agência russa Interfax, afirmando que os separatistas, citando os artigos 3 e 4 do acordo de cooperação assi-

nado por Putin na segunda-feira, pediram à Rússia que "ajude a repelir a agressão das Forças Armadas da Ucrânia". Ainda não se sabia como o Kremlin iria responder à demanda, mas a Ucrânia via o movimento como sinal de invasão iminente.

"A Ucrânia requisitou uma reunião urgente do Conselho de Segurança da ONU, diante do apelo dos administradores da ocupação russa em Donetsk e Luhansk, para que a Rússia forneça a eles assistência militar, o que é uma escalada da situação de segurança", escreveu o chanceler ucraniano, Dmytro Kuleba, no Twitter.

Mais cedo, o governo dos

EUA afirmou que Putin, estava "pronto" para lançar um ataque de grande porte contra a Ucrânia, e que já tinha o número necessário de militares para isso. Segundo o Pentágono, 80% das tropas já estavam em "posição de ataque", apenas aguardando uma ordem para seguir adiante. O chefe de diplomacia americana, Antony Blinken, disse que o ataque poderia ocorrer em horas.

— Tudo parece estar no lugar certo para que a Rússia lance uma grande agressão contra a Ucrânia — afirmou ele.

Já o porta-voz do Pentágono, John Kirby, disse que os militares russos estavam "prontos para agir".

— Eles podem atacar a qualquer instante — afirmou Kirby.

Informações dos serviços de Inteligência americanos, repassados à Ucrânia, apontavam que uma invasão poderia ocorrer em até 48 horas, e Kiev declarou estado de emergência. De acordo com dados dos EUA, há cerca de 150 mil militares russos próximo às fronteiras com a Ucrânia — alguns deles, como afirmou à Reuters um funcionário do Departamento de Defesa, se encontram a cinco quilômetros da divisa, e 80% das tropas já estão em posições de ataque. O Pentágono acreditava, ainda, que havia contingente suficiente para uma invasão de grande porte.

— Não há sinais de que ele [Putin] queira reduzir as tensões, mover suas tropas para casa e obter algum tipo de solução diplomática séria, todos os sinais que temos mostram que o oposto está ocorrendo — declarou Kirby.

OPERAÇÃO DE LONGO PRAZO

Segundo fontes de inteligência, há cerca de 120 batalhões táticos em solo, além de navios de combate no Mar Negro e posições de artilharia em locais estratégicos. Há ainda informações que sugerem o planejamento de uma operação de longo prazo na Ucrânia.

— Temos indicativos de que eles planejam usar seus reservistas e sua Guarda Nacional, e isso é preocupante, porque i leva a crer que haveria objetivos de longo prazo — declarou o funcionário do Pentágono.

Naquele momento, segundo ele, ainda não era possível indicar que uma invasão já teria começado, mas "há razões para acreditar que eles já estão" nos territórios separatistas de Donetsk e Luhansk.



Preparados. Trem carregado com caminhões militares e canhões autopropulsados do Exército russo espera ordem de partida na cidade de Taganrog, a cerca de 50 km da fronteira com a Ucrânia

Primeiras sanções contra Moscou têm impacto mínimo

Rússia se preparou para proteger sua economia durante anos; para especialistas, medida mais significativa é suspensão de gasoduto

ANDRÉ DUCHIADE
andre.duchiaide@negocio.com.br

Do ponto de vista político, a rodada inicial de sanções ocidentais contra a Rússia ofereceu uma demonstração de unidade entre Washington e seus parceiros europeus. No entanto, segundo especialistas nesse tipo de mecanismo de pressão, estas primeiras sanções devem ter um impacto quase insignificante sobre a economia russa. Nos últimos anos, Moscou — que está sob sanções desde 2014, quando anexou a Península da Crimeia da Ucrânia — guardou reservas para proteger seu sistema econômico exatamente contra o tipo de medida adotada pelos EUA e os europeus.

De acordo com Thomas Biersteker, especialista em sanções econômicas do Instituto de Pós-Graduação de Genebra, para serem eficazes, penalidades econômicas precisam demonstrar seriedade, como, por exemplo, disposição para arcar com os custos da medida. Por outro lado, devem apontar para impactos ainda maiores no horizonte.

— Temos que pensar nas sanções como interligadas às negociações. Manda-se um sinal forte de que se está muito chateado, mas, para mandar este sinal, é necessário mostrar que se está disposto a pagar o custo — afirmou Biersteker ao Business Daily, da BBC. — E, obviamente, não se joga tudo de uma vez. É necessário guardar suas cartas.

VIADA DE SCHOLZ

Das medidas iniciais, para ele, a mais importante veio da Alemanha. Na terça-feira, o chanceler Olaf Scholz anunciou medidas para paralisar o licenciamento do gasoduto Nord Stream 2. Concluída em setembro, a obra, de US\$ 11 bilhões, permitiria o aumento do fornecimento de gás russo para a Europa, e aguarda autorização para operar.

No passado, Scholz havia mostrado não estar disposto a abrir mão do gasoduto. O processo de licenciamento, por ora, foi pausado, e não cancelado. Ao tomar a medida, todavia, ele sinalizou estar disposto a ir longe para conter uma agressão russa na Ucrânia.

— Eu esperava que essa medida fosse ser guardada para uma segunda rodada de sanções — afirmou Biersteker.

A sanção ao Nord Stream 2 também pode ser considerada uma vitória provisória dos Estados Unidos, antigos opositores da iniciativa. Ontem, o governo americano anunciou sanções contra a empresa que construiu o gasoduto.

Já do ponto de vista econômico, as sanções não devem provocar grandes impactos imediatos. Elas vieram sobretudo dos EUA, e o presidente Joe Biden as anunciou com pompa na terça-feira:

— Vou começar a impor sanções em resposta, muito além das medidas que nós e nossos aliados e parceiros implementamos em 2014 — disse Biden.

As sanções incluem um bloqueio total ao banco de desenvolvimento VEB, a quitaram o instituto financeiro da Rússia, e ao Promsvyazbank, o banco militar. Há ainda penalidades contra três filhos de altos funcionários próximos a Putin e restrições à capacidade da Rússia de emitir dívida soberana, isto é, de se financiar

com empréstimos no exterior.

Segundo a consultora em geopolítica Rachel Ziemba, as sanções "tentaram equilibrar uma coordenação entre aliados, a proporcionalidade e a dissuasão", e "focam sua atenção nos interesses governamentais e militares, e não nos indivíduos". Para ela, essas sanções "são menos dolorosas do que as mais fortes que poderiam ter sido impostas, mas tornarão o investimento russo em projetos de crescimento muito mais difícil", escreveu.

DÍVIDA BAIXA E RESERVA ALTA

Outros, no entanto, são mais céticos. Segundo Max Seddon, chefe do escritório do Financial Times em Moscou, "é preciso deixar claro que as sanções bancárias não prejudicam de fato a Rússia". "O VEB nem é realmente um banco — é, basicamente, um caixa dois financiado pelo Estado", escreveu ele. "Já o Promsvyazbank foi nacionalizado com o objetivo específico de ser sancionado para proteger outros bancos de medidas dos EUA".

Quanto aos filhos de autoridades, outros oficiais do al-

to escalão russo também recebem o mesmo tipo de sanção, mas continuam a operar companhias públicas sem grandes entraves.

Em relação ao impedimento de obter empréstimos, o governo russo passou anos tentando reconfigurar seu Orçamento e suas finanças para poder aguentar novas sanções, esforços que foram auxiliados pelos altos preços de mercado do petróleo e do gás. O governo tem uma dívida baixa, de 18% do PIB em 2020, e depende menos de empréstimos do exterior do que antes de 2014. Mais importante, o Banco Central acumulou reservas em moeda estrangeira (com reservas em ouro e euro superiores às em dólar) de US\$ 631 bilhões, o quarto maior montante desse tipo no mundo.

Segundo Elina Ribakova, economista chefe do Instituto Internacional de Finanças, "o governo da Rússia está em superavit fiscal" e o país, além de rolar sua dívida, "está sobrefinanciando" empréstimos, quando estritamente falando não precisa". De acordo com Ribakova, o excedente de li-

quidez dos bancos russos, de US\$ 11 bilhões, "é menor após a Covid em relação aos US\$ 64 bilhões devidos a credores estrangeiros, mas ainda pode percorrer longo caminho acomodando a saída de investidores".

A União Europeia pôs políticos russos sob embargo, incluindo o ministro da Defesa, Sergei Shoigu, e proibiu o comércio com as duas regiões separatistas. A UE também concordou em princípio com sanções que incluem restrições à negociação de dívida soberana russa no bloco e miram bancos menores.

ESTRAGOS NO OCIDENTE

Retaliações mais duras podem estar a caminho, como a proibição da exportação de certas tecnologias para a Rússia e sua exclusão do sistema SWIFT. No entanto, penalidades severas podem também prejudicar os fluxos comerciais globais. Isso significa que, se no lugar de uma invasão total, a incursão russa em solo ucraniano for restrita, as punições a Moscou também podem ser limitadas, para evitar estragos nas próprias potências ocidentais.

— A questão não é apenas o impacto imediato nos mercados financeiros, mas o fato de que é quase impossível no curto prazo separar a Rússia do comércio global — disse Ribakova ao New York Times.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 18 e 19